

Um esboço do percurso literário de Ana Plácido

Fabio Mario da Silva¹

Resumo: Este artigo faz um levantamento panorâmico dos textos que Ana Plácido publicou ao longo da sua vida e uma reflexão sobre os que lhe podemos atribuir com segurança. Para além das suas obras mais conhecidas, iremos aludir o que a autora publicou em jornais e revistas (crítica literária, ficção e poesia) ora em nome próprio, ora sob pseudônimo. Assim, os caprichos da produção literária de Ana Plácido e a linha do tempo das mudanças em sua identidade enquanto escritora serão traçadas ao longo de sua carreira de décadas.

Palavras-chave: Ana Plácido. Carreira literária. Literatura Portuguesa.

Abstract: This article provides a panoramic survey of the texts that Ana Plácido published throughout her life, and reflects on which we can confidently attribute to her. In addition to her best-known works, we will bring together what she published in newspapers and journals (literary criticism, fiction and poetry) sometimes under her own name, sometimes using a pseudonym. Thus, the vagaries of Ana Plácido's literary output and the timeline of the changes in her literary identity will be traced over her decades-long career.

Keywords: Ana Plácido. Literary career. Portuguese literature.

¹ Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), PE, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem da UFRPE e em Letras da UNIFESSPA. Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Univ. do Porto e do Centro de Estudos Clássicos da Univ. de Lisboa. Texto desenvolvido durante pós-doutoramento na área de Estudos Portugueses, com supervisão do Professor Doutor Ernesto Rodrigues, do CLEPUL, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: famamario@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7034-1260

A obra literária de Ana Augusta Plácido constitui um conjunto de escritos fragmentados e dispersos em jornais, em cartas ou em livros de memórias. (Teresa Ferrer Passos, 1997, p. 193)

Ana Augusta Plácido (1831-1895)² teve o seu percurso literário marcado por diversas publicações em jornais, tanto no Brasil quanto em Portugal,³ sendo que os seus primeiros textos começam a ser publicados em 30 de novembro de 1859, n' *O Ateneu* (páginas 34 e 36), assinados por A. A.⁴ Nesse trajeto encontram-se também o conto “Meditações”, publicado posteriormente em *Luz Coada por Ferros* (1863), e o seu último escrito, *Núcleo d’Agonias*, que é o resgate de outra obra da autora, *Herança de Lágrimas* (1871). Assim, o romance *Núcleo d’Agonias*, desde o n.º 1 em 18 de agosto de 1895 de *O Leme*,⁵ continua a ser editado após a morte da escritora, numa segunda série do jornal, em 1913, pelo seu neto, Nuno Castelo Branco (filho), em 15 de julho de 1913, do número 15 até o número 26.⁶

Contudo, outros críticos dão-nos pistas de qual seria a primeira publicação de Ana Plácido: Maria Amélia Campos (2008, p. 226) refuta a posição de outros autores – como Vieira de Castro (1863) – ao referir que o “Elogio fúnebre” à rainha D. Estefânia, publicado n' *O Mundo elegante* de 28 de julho de 1859,⁷ jornal em que o redator principal era Camilo Castelo Branco

² Otan Mattos refere as coincidências sobre como o mês de setembro, data do nascimento de Ana, marcará a vida da escritora: “Ela nasceu no dia 27 de setembro de 1831. Casou-se no dia 28 de setembro de 1850. A sua primeira neta, Maria Camila, nasceu em 13 de setembro de 1884. O seu primeiro filho, o Manuel Plácido, faleceu no dia 17 de setembro de 1877. O segundo filho, o Jorge, morreu em 10 de setembro de 1900. E Ana Augusta morreu no dia 20 de setembro de 1895” (1985, p. 285). Ana Plácido é filha de José Plácido Braga e de Ana Augusta Vieira Plácido.

³ Sobre as publicações de Ana Plácido nos jornais, conferir os trabalhos de Adriana Mello Guimarães e Andreia Castro.

⁴ Estamos, nesse momento, numa equipe que prepara a obra completa da autora, a fazer um levantamento em jornais para verificar se encontramos textos de Ana Plácido ainda não referenciados pela crítica.

⁵ Periódico dirigido por seu filho, Nuno Castelo Branco.

⁶ Uma parte dessa publicação está disponível no site da Biblioteca Nacional de Portugal: http://purl.pt/29250/1/545959_1895-08-18/545959_1895-08-18_item2/545959_1895-08-18_PDF/545959_1895-08-18_PDF_24-C-R0150/545959_1895-08-18_0000_1-4_t24-C-R0150.pdf. No Real Gabinete Português de Leitura há a versão integral, mas com muitas partes ilegíveis: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=realgabobrasraras&pagfis=36381>. Acesso em 25 de abril de 2020.

⁷ O mesmo texto foi publicado em *O Nacional* do Porto em 18 de julho de 1859 e no *Ateneu* de Coimbra, n.º 15, de 27 de julho de 1859 (CAMPOS, 2008, p. 129).

(1825-1890), não teria sido escrito por Ana Plácido.⁸ Já Alexandre Cabral também refere que Alberto Pimentel atribui o mesmo artigo a Ana, sendo publicado também no mesmo ano e mês, mas no dia 18, n' *O Nacional*. Segundo Vieira de Castro, em conversa privada com Camilo, *O Nacional*, através do seu fundador, Gonçalves Bastos,⁹ solicita ao escritor um texto fúnebre em 1859, por causa do falecimento da Rainha D. Estefânia. Camilo insistiria que será bem melhor substituí-lo e, na impossibilidade de escrever o texto, mandou um portador ao “largo da picaria”¹⁰, e o texto chegou na redação do jornal, revelando Vieira de Castro que “o artigo de A. A. é um grito que parece rapsodia de Bíblia” (1863, p. 202).

Maria Amélia Campos ainda refere uma outra peça como a primeira publicada por Ana: o poema “Beneficência”, publicado com a assinatura de Camilo em 28 de maio de 1859, seria, na verdade, de sua enamorada:

O Mundo Elegante publica ainda o poema Beneficência, como sendo da autoria de Camilo Castelo Branco, que, por indisponibilidade pontual do romancista, teria sido escrito por Ana, para a récita de Emília Neves e Sousa, em favor das vítimas da peste. O mesmo jornal, no seu n.º 15, de 28 de Julho de 1859, publicara o elogio fúnebre pelo falecimento, aos 22 anos de idade, da rainha Dona Estefânia, como sendo da autoria de Camilo, situação que também nunca se chegou a esclarecer, pois correram rumores de que teria sido Ana a sua autora. Porém, para quem conheça o estilo de Ana Plácido, apesar de possuir um espírito viril, esta versão não tem qualquer consistência. (CAMPOS, 2008, p. 226).

Para aclarar esse impasse, ou seja, para melhor ponderar se o poema “Beneficência” é ou não da autoria Ana Plácido, temos que recorrer, mais uma vez, às considerações de Vieira de Castro – amigo pessoal de Ana e Camilo, a fonte certamente citada por Campos (2008) –, que escreve uma obra em 1862 (segunda edição aumentada e corrigida em 1863), mas que estava pronta desde 1861/60, intitulada *Camillo Castello Branco (noticia de sua vida e obras)*. Nessa obra, Castro revela que o poema foi pedido a Camilo em benefício do teatro D. Maria e onde a atriz Emilia das Neves e Sousa iria recitá-lo. Camilo teria dito, segundo Castro, “que não sacrificava o estomago à Lyra” (1863, p. 201), cabendo tal tarefa a Ana Plácido, que se recolheu no seu gabinete para escrever o poema. Acreditamos que essa observação pode ser verídica, dado a proximidade e

⁸ Por isso justifica-se Maria Campos: “Chegou-se a constar que a autora do texto tinha sido Ana Plácido, o que não seria muito plausível, dado que, dois dias depois da morte da rainha, Ana se encontrava muito doente” (CAMPOS, 2008, p. 129).

⁹ Bastos escreveu uma nota de rodapé ao texto da primeira “Meditação”, narrativa de Ana Plácido contida em *Luz Coada por Ferros* (1863).

¹⁰ Provavelmente onde residiria Ana Plácido.

amizade íntima que Vieira possuía com os escritores, ao ponto de a própria Ana Plácido ter-lhe dedicado um texto ficcional intitulado “A promessa”, e publicado no *Almanaque Internacional para 1874*, em 1873, p. 54-57, sob o pseudônimo Lopo de Souza (Cf. GUIMARÃES, 2018, p. 64).

Há também outro poema, identificado por Rocha Martins, dedicado ao pai da escritora, e que talvez poderia ter sido escrito por Ana Plácido, publicado no *O Nacional* em 22 de outubro de 1850 e intitulado “A barca linda” (MARTINS, s.d., p. 351), mas colocando em dúvida a autoria: “se foi Ana Plácido a auctora de tais rimas, decerto imaginava para o navio fados muito mais doces do que para o seu lar” (MARTINS, s.d., p. 38). Tendo em vista essas supostas produções atribuídas a Ana Plácido, Vieira de Castro revela que ela estaria preparando um livro, não de narrativas, mas de versos, textos que o próprio amigo e crítico leu pessoalmente: “São muitas, e formosas as suas poesias. Teremos breve um primoroso livro enfeixando-as todos em ramilhete. Cabe aqui o divulgar um segredo” (1863, p. 200). Como refere Teresa Ferrer Passos, “a poesia que, desde a juventude, era para Ana Plácido uma transferência do seu eu recôndito para a ‘casa’ de cada verso, vai surgindo, mas com raridade” (PASSOS, 1997, p. 202). É um gênero literário pouco usual no labor artístico da escritora, que quase sempre preferiu a narrativa em detrimento da poesia.¹¹ Assim, podemos concluir que Plácido teria a ideia de publicar um livro de poemas, mas depois desistiu de fazê-lo e preferiu se dedicar à escrita de narrativas, publicando esparsamente os seus versos.

Contudo, ao conjecturar sobre esses três textos atribuídos a Ana Plácido, apenas o “Beneficência” e o “Elogio fúnebre” à Rainha D. Estefânia podem ser atribuídos a Ana Plácido, por dois motivos: primeiramente, Vieira de Castro afirma que ouviu tal relato de Camilo e da própria Ana, com quem se correspondia com frequência, além de visitar a residência dos dois (essa amizade se faz já durante o escândalo de adultério); em segundo lugar, Ana Plácido publica esses textos entre maio e julho de 1859, período em que já estava casada, e por isso não queria exposição pública do seu nome em jornais, devido à relação que já tinha com Camilo Castelo Branco às escondidas e pelas possíveis reprovações tanto do seu pai quanto do seu marido. O poema “A barca linda” dá a impressão de ter sido escrito pela autora, mas como não encontramos até agora nenhum dos estudiosos da obra de Camilo que tenha a certeza ou nos dê como provável essa autoria, como, por exemplo, Rocha Martins,¹² não podemos atribuir o poema a Ana Plácido.

¹¹ Lembremo-nos que Ana Plácido publicou esparsamente alguns poemas ao longo da vida, entre os quais destacamos “Maldita”, publicada em *O Leme*, em 1895 (Cf. Guimarães, 2018, p. 58), e “A Camillo Castello Branco”, publicado no *Pensamento Livre*, Coimbra, maio de 1895, n.º 2, p. 46 (Cf. CARDOSO, 1917, p. 235).

¹² Evidentemente, se encontrarmos algum texto da altura, de alguém próximo a Camilo e Ana, que ateste ser o poema de Ana Plácido, podemos atribuir-lhe, com mais propriedade, a autoria dos versos. Nesse

Por seu turno, Alexandre Cabral atribui também o folheto “Protesto contra a suposta filha de Camillo Castello Branco”, publicado em 1890, após a morte de Camilo, assinado por Nuno Castello Branco, a Ana Plácido (Cf. 1979, p. 69). Alexandre Cabral deve ter atribuído esse texto à autora devido a uma carta inédita de Ana Plácido a um destinatário desconhecido – e publicada por sua neta, Raquel Castello Branco – sobre a paternidade de uma filha atribuída a Camilo, após a morte do autor. Diz Ana Plácido: “É tarde para sustar a publicação do opúsculo. E deveria eu fazel-o? Eu que vejo sofrer meu filho por cumprir ordens de seu pai [...] poderia eu ou deveria influir nas resoluções de meu filho? O Nuno é um character reto; a sua palavra é lei” (PLÁCIDO Apud BRANCO, 1925, p. 163-164). Sendo assim, pensamos que, neste caso específico, poderíamos, porventura, atribuir a autoria do opúsculo ao filho e à mãe, simultaneamente.

Uma grande parte da obra de Ana Plácido – desde o seu primeiro texto até o último publicado, a sua maioria em romances folhetins – está dispersa em diversos periódicos. Todas as referências a essas publicações estão em textos de biografos e críticos de Camilo e/ou de Ana Plácido que citam com maior ou menor frequência o nome da escritora: Machado, 1862; Castro, J. C. V., 1863; Martins, s.d.; Pimentel, 1899, 1913 e 1922; Cabral, António, 1922; Branco, 1925; Sousa, 1959; Cabral, Alexandre, 1989; Cabral, F. D., 1991; Castro, Aníbal, 1995 e 1997; Teles, 2008. Ou lhe dedicam artigos ou livros em específico: Passos, 1997; Oliveira, P. M., 1997, 2002; Campos, 2008; Alonso, 2012 e 2014; Borges, 2011 e 2016; Flores, 2015 e 2017; Castro, Andreia, 2018 e 2022; Guimarães, 2018, 2020; Silva, F. M., 2019, 2020, 2021, 2022; e, mais recentemente, Ganhão, 2020; Simões, 2021; Santiago, 2021. Muitos desses críticos sintetizam ou indicam o percurso placidiano em jornais: *Amigo do Povo: Comercial, Industrial e Agrícola (Porto)*, *O Futuro (Rio de Janeiro)*, *Gazeta de Portugal*, *O Civilizador – O civilizador jornal de literatura, ciências e belas artes*, *Revista ABC*, *A Esperança – Semanário de Recreio Literário*, *Gazeta Literária do Porto*, *Diário Ilustrado*, *O Ateneu – Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, *Almanaque Familiar*, *Revolução de Setembro*, *O Nacional*, *O Mundo Elegante*, *Jornal semanário (Porto)*, *O Leme* e *Pensamento livre (Porto)*.

Nesses periódicos, encontramos romances folhetins, pequenas peças dramáticas, poesias, cartas, pensamentos esparsos, adaptações de obras, dramas, pequenas crônicas e até uma reflexão sobre a teoria do romantismo literário poético.¹³ Contudo, lembremo-nos de que essa preferência de Ana pelas publicações periódicas se deve também ao fato de a escritora ter em mente

momento, encontram-se em desenvolvimento pesquisas e recolha de textos para a edição da Obra de Ana Plácido, que esperamos começar a publicar em 2023.

¹³ Publicaremos uma edição da obra de Ana Plácido com todos os textos colhidos em jornais.

fundar um jornal e viver exclusivamente da literatura, como nos revela Fernanda Damas Cabral:

A ideia de Ana Plácido era lançar um jornal literário intitulado *Esperança* e o projecto teve lugar antes da morte de Pinheiro Alves, que ocorreu em 1863. O intuito era, certamente, o de não depender economicamente do marido, visto que assumira a sua ligação com Camilo. Este projecto de Ana Plácido chegou a ser anunciado na imprensa, mas a iniciativa, infelizmente, malogrou. (CABRAL, F. D., 1991, p. 29).

Muitas das publicações de Ana Plácido em jornais acontecem por intermédio de Camilo Castelo Branco junto a seus amigos, que mais tarde tornar-se-ão também amigos da autora, como, por exemplo, Júlio Cesar Machado, Vieira de Castro, Rocha Martins, Gonçalves Bastos etc. Há também os chamados textos incompletos da autora, espalhados por diversas publicações. Por exemplo, “Aurora”, com data final de escrita em 14 de dezembro de 1864 no Porto e publicado quase um mês depois, em 1 de janeiro de 1865, n’*O Civilizador*¹⁴ – seguindo-se de contribuições em 1 de fevereiro, 1 de março, 1 de abril, 1 de maio e 15 de junho –, é um drama anunciado em 4 atos, mas publicado apenas em dois, com texto editado por Fernanda Damas Cabral em 1991, na obra *Ana Plácido (estudo, cronologia e antologia)*, mas com cortes na peça, visto que o livro da pesquisadora trata de uma recolha de antologia, com algumas passagens de obras de Plácido. Outro texto incompleto se intitula “Regina” e foi publicado originalmente como romance folhetim na *Gazeta Literária do Porto*¹⁵ em 6 de janeiro de 1868, no número 1º, ano 1, como romance original assinado pelo pseudônimo Gastão Vidal de Negreiros. Ambas as publicações ficaram incompletas porque os jornais não tiveram mais continuação.

A neta de Ana Plácido, Raquel Castelo Branco, filha do seu terceiro filho, Nuno, publica uma obra intitulada *Trinta Anos em Seide* em 1925 e reproduz ali um conto incompleto (faltam as páginas 4, 6 e 9 do manuscrito), intitulado “Um

¹⁴ Conferir o site organizado por Vanda Anastácio com tais dados sobre Ana Plácido: <http://www.escriptoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Ana-Plcido>. Acesso em 24 de março de 2020.

¹⁵ Periódico dirigido por Camilo Castelo Branco, com quem vivia depois da morte do seu marido, Pinheiro Alves, a partir de 1863. Segundo Adriana Mello Guimarães, “A *Gazeta Literária do Porto* foi um jornal literário publicado semanalmente, mas apenas o seu primeiro número incluiu a data, 6 de janeiro de 1868. A sua coleção é constituída por dezasseis números, impressos na ‘Tipografia da Livraria de A. de Moraes & Pinto, rua do Almada n.º 171, Porto’, também a morada da Administração da Gazeta. A *Gazeta Literária do Porto*, também conhecida pela ‘*Gazeta de Camilo Castelo Branco*’, contou com cerca de doze colaboradores. Apesar do tema da Literatura ser maioritário, a *Gazeta* também tratou outros assuntos como a História, a crítica diversa, e alguma moda feminina. Camilo Castelo Branco, além de redator, é o autor da maioria dos textos do periódico” (GUIMARÃES, 2018, p. 49).

marido... como todos” de Gastão Vidal de Negreiros,¹⁶ ficção focada num triângulo amoroso e num casamento forçado. Raquel Castelo Branco também publica um esboço de uma novela sem título e incompleta, bem como algumas cartas inéditas da autora e um texto intitulado “Folhas de um álbum”, que é uma espécie de diário, escrito entre 27 de junho de 1859 até 27 de setembro de 1860, e que possui em uma das suas passagens a seguinte interpelação: “Que segredo me escondes páginas?” (PLÁCIDO Apud BRANCO, 1925, p. 107).

Outro fator importante é tentar perceber os textos com diferentes assinaturas. As primeiras publicações de Ana Plácido surgem após o seu relacionamento às escondidas com Camilo, que parece ser um incentivador da sua produção literária, divulgando-a até entre os amigos, como, por exemplo, numa carta de Camilo a Vieira de Castro, em 19 de outubro de 1959: “No correio de amanhã ou depois hei-de mandar-lhe uma prosa da minha A. A. e veremos se lhe posso arrancar uma poesia. Se forem a tempo, publique-as no primeiro número” (1931, p. 10). Ou seja, o próprio Camilo prefere identificar a amada a partir de suas iniciais, tendo em vista que ele mantém com Ana Plácido uma relação extraconjugal e ela, por sua vez, já estava casada na altura do envio dessa carta. Por isso, é natural que a própria Ana Plácido inicialmente tenha escolhido para as suas primeiras publicações em jornais, de 1859 a 1860, apenas as iniciais A. A., para não levantar suspeitas do marido. Por isso, Alexandre Cabral refere que “estimulada por Camilo, Ana Plácido dedicou-se à literatura; faz as primeiras tentativas já no período da perseguição e depois na cadeia, assinando com as iniciais do seu nome” (1989, p. 500).

Esse fato tende a mudar a partir de outubro de 1860 a 1861 com as publicações n’*O Nacional* e n’*O Amigo do Povo*,¹⁷ quando a autora passaria a assinar explicitamente com o seu nome, Ana Plácido. Isto porque, ao assumir a sua identidade, Ana tentava revidar os constantes ataques ao seu nome e comportamento, ofensas levantadas tanto pelo seu marido quanto por conservadores, justamente nesse período em que ela se encontrava encarcerada, de 6 de julho de 1860 a 16 de outubro de 1861. Os textos publicados n’*O Nacional* vão desde folhetins à carta aberta ao público, na tentativa de, segundo Andreia Castro, manter uma postura combativa:

Os ataques aos preconceitos e injustiças sociais, em geral, e à figura de Pinheiro Alves, em particular, estão presentes tanto nos escritos da encarcerada, como nos longos exórdios escritos pelo redator do periódico portuense, Gonçalves Bastos, que tinham a função de

¹⁶ Cremos que esse conto pode ter a datação da década de sessenta de Oitocentos, quando aparecem os primeiros textos desse pseudônimo, por volta de 1868.

¹⁷ N’*O Amigo do Povo* foi publicado, em outubro de 1860, uma pequena história intitulada “Impressões Indeléveis”, um pequeno drama de aldeia, a história de duas mulheres desgraçadas por amarem o mesmo homem e publicada mais tarde em *Luz Coada por Ferros* (1863).

justificar e de legitimar as denúncias feitas pela escritora. (CASTRO, Andreia, 2018a, p. 52).

Como nos revela Camilo em carta de 14 de setembro de 1860, é n' *O Nacional* que ficamos a saber que Ana Plácido enviou uma contribuição ao Conselheiro Duarte Soares, com uma intenção de retorno financeiro:

Esta se esperando aqui o seu irmão A. [Adriano José de Carvalho e Mello] para tomar conta da administração do Nacional. O Visconde, respondendo a uma carta m.^a, quer que eu lhe escreva alguns art.os, e romance p.^a folhetim. No romance da D. Anna creio que não fallou, nem talvez o quizessem por acatam.to à moralidade publica. (PLÁCIDO Apud MARCO, 1933, p. 50).

Camilo desconfia que os seus amigos não querem publicar os textos de Ana Plácido para não perderem assinaturas dos jornais, por causa do escândalo do adultério,¹⁸ despertando a ira dos mais conservadores. Camilo se referiria provavelmente ao romance *O Mundo do Doutor Pangloss*, publicado em quatro capítulos e que, de acordo com as reais intenções de Ana Plácido, deveria contar com até “vinte e tantos” (PLÁCIDO Apud MARCO, 1933, p. 54). Ana Plácido tencionava viver dos proventos de sua escrita, o que lhe animaria nesse período da prisão, e Camilo, em carta ao seu amigo Duarte Soares em 26 de setembro de 1860, reforça essa intenção de vender os romances de sua amada.

Esse período no cárcere foi um dos mais produtivos para a escritora, de tal modo que Alexandre Cabral chega a ver nessa produção da altura quase que um benéfico processo terapêutico (Cf. 1979, p. 66). É também ainda na década de sessenta que Innocencio Francisco da Silva prepara o seu *Diccionario Bibliographico Portuguez* e envia uma missiva a Camilo Castelo Branco solicitando informações sobre Ana Plácido, obtendo resposta do autor em 3 de fevereiro de 1867: “Mando o que basta para menção dos escriptos de D. Anna Placido. Pede Ella a V. Ex.^a q se esqueça das suas insignificantes producçoens, e ao m.mo tempo lhe agradece respeitosamente não a ter esquecido” (CASTELO BRANCO Apud CABRAL, António, 1922, p. 137-138).¹⁹

Nos anos a seguir encontramos uma flutuação autoral, desde textos assinados como Ana Augusta Plácido, como em *O Futuro* (1862) e *Almanaque Familiar* (1867), até aqueles assinados apenas por A. A., como na *Revista Contemporânea* (1860). Em 1863 vem a lume *Luz Coada por Ferros*, com textos já dispersos e publicados em jornais, obra em que Ana resolve compilar e adicionar outras ficções produzidas antes, durante e depois do seu período de encarceramento. Tal obra é analisada pelo jovem Machado de Assis, no jornal *O*

¹⁸ Sobre o escândalo que provocou o amor de Ana e Camilo, consultar o trabalho de Silva, F. M. (2020).

¹⁹ Innocencio Silva cita Ana Plácido no seu *Dicionário Bibliográfico Português* nos tomos oitavo (p. 67), vigésimo (p. 157) e vigésimo segundo (p. 87).

Futuro em 1863, que no seu artigo nota as qualidades literárias da autora, apontando a “sensibilidade” como um “dom” das mulheres escritoras, chamando a atenção do leitor para esse livro de estreia (Cf. ASSIS, 1863, p. 463).

Já o seu primeiro pseudônimo, Gastão Vidal de Negreiros, é conhecido a partir de 1868 na *Gazeta Literária do Porto*. Contudo, uma mudança ocorre a partir da década de 70: Ana Plácido assume o pseudônimo de Lopo de Souza para produzir o seu principal romance, *Herança de Lágrimas*, em 1871 (cremos ter sido escrito entre finais dos anos 60), e se dedica exclusivamente às traduções, entre 1874 e 1879,²⁰ adotando o pseudônimo Lopo de Souza ou traduzindo anonimamente, escolhendo obras de cunho moral-religioso, como a do filósofo Alphonse Gratry, professor da Sorbonne, com uma obra religiosa, *Mês de Maria da Imaculada Conceição*, passando ainda por autores muito populares na França do século XIX, através de obras que destacariam os romances de costumes, nos quais as personagens femininas ou são temas centrais ou dão os títulos das obras – como, por exemplo, nos romances de Amédée Achard, *Como as Mulheres se Perdem* e *A Vergonha que Mata*, bem como nas obras de Benjamin Constant, como *Aprender na Desgraça Alheia*.

Essas publicações acontecem durante o período da morte do seu filho, Manuel Plácido (1858-1877), que falece em 1877, morte que irá abalizar as suas pretensões de carreira literária: “Mal se recompõe, Ana Plácido acaba os compromissos editoriais que tinha em mãos, tudo indicando ficar por ali o seu sonho de ambição e glória” (CAMPOS, 2008, p. 271). Assim, como podemos notar, depois que sai do encarceramento, há uma flutuação entre as assinaturas A. A. e Ana Augusta Plácido. A autora adota, inicialmente, o pseudônimo Gastão Vidal de Negreiros, para só depois se assumir Lopo de Souza, entre 1871 até 1879.

É justamente após esse período que encontramos uma Ana Plácido menos assídua nas suas produções e mais recolhida, decidida em cuidar mais da vida pessoal, principalmente em decorrência da doença mental diagnosticada no seu segundo filho, Jorge Camilo Castelo Branco (1863-1900). Assim, Maria de Lourdes Ferraz (2012, p. 45) refere que Ana Plácido abranda a produção intelectual por causa das preocupações familiares (falecimento de Manuel, problemas psicológicos de Jorge, desregramentos do filho Nuno, agravamento da doença de Camilo), e Alexandre Cabral afirma que, “com o nascimento dos outros dois filhos, Jorge e Nuno, e a instalação em S. Miguel de Ceide, depois da morte do marido [Pinheiro Alves], Ana Plácido cada vez mais vai sendo absorvida pelos afazeres caseiros e as preocupações domésticas” (1979, p. 67).

²⁰ Sobre as traduções da escritora, Chrys Gerry está desenvolvendo um artigo para publicação na futura e nova edição da obra de Ana Plácido.

Sendo assim, Ana Plácido só voltaria a publicar em 1888, no *Diário Ilustrado* (concebido para ajudar as vítimas do incêndio do teatro *Baquet*), sob o nome Viscondessa de Correa Botelho,²¹ depois que Camilo recebe o título em 1885,²² lançando dois curtos textos: um sobre o romantismo poético e outro sobre a dor e a saudade. Esse título nobre lhe garante prestígio social, possivelmente assumido por si como uma resposta à sociedade que a condenara e, por isso, concordamos com a afirmação de Maria Amélia Campos: “ao herdar o título de viscondessa, Ana acolheu também uma espécie de reabilitação aos olhos da sociedade” (CAMPOS, 2008, p. 22). Assim, esse título reabilita Ana porque foi conseguido depois da detenção.

Encerra a sua participação em *O Leme*, dirigido por seu filho, Nuno Castelo Branco (1864-1896),²³ em 1895, na primeira série, periódico no qual assina o seu romance folhetim “Núcleo d’Agonias”, inicialmente sob o pseudônimo Lopo de Souza, aí também publicando poesias como Ana Plácido. Publicado todos os domingos e iniciado em 18 de agosto de 1895, o número de 22 de setembro não chega a ser lançado devido à morte de Ana em 20 de setembro. Por isso, o número 6 desse semanário, do dia 29 de setembro de 1895, é dedicado em exclusivo à sua memória (Cf. GUIMARÃES, 2018, p. 58-60).

Então, por que será que Ana Plácido adota pseudônimos e até o suposto anonimato em algumas publicações? Fernanda Damas Cabral levanta a hipótese de que Ana Plácido queria apenas “ser recordada como escritora sob o pseudônimo Lopo de Souza e com o seu livro de natureza autobiográfica: *Luz Coada por Ferros*” (1991, p. 53). Por seu turno, Adriana Mello Guimarães chega à conclusão de que, no caso da autora, o uso do pseudônimo foi estratégico:

Depois do seu nome circular por vários jornais, devido à acusação de adultério, Ana, ao adotar pseudônimos masculinos, pretende sair do seu mundo e investir num universo mais amplo com uma nova identidade. Afinal, Ana recusou o papel secundário e passivo, que a sociedade burguesa do século XIX atribuía à mulher, e mudou o estereótipo da mulher oitocentista, que era normalmente representada como anjo do lar ou como demônio. As mulheres ficcionais de Ana Plácido vivem amores proibidos e sofrem com o fracasso, a dor, a morte e a mentira. Enfim, Ana, através dos seus escritos, observa o seu próprio destino e afirma o seu lugar na escrita descrevendo a sua própria experiência. (GUIMARÃES, 2018, p. 36).

²¹ Lembremo-nos que o título de Viscondessa de Botelho, concedido em carta régia de 18 de junho de 1885, é numa altura em que Ana não estava casada oficialmente, fato que só irá acontecer, segundo a insistência de amigos do casal (Sena Freitas, Ricardo Jorge, Freitas Fortuna, Joaquim Ferreira Moutinho), em 9 de março de 1888.

²² Título criado por decreto de 18 de junho de 1885, do rei D. Luís I de Portugal, a favor do escritor Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco.

²³ Segundo Maria Amélia Campos, “é a mãe quem o convence a publicar o 1º número do Semanário Humorístico e Noticiário *O Leme*, sendo Nuno o redator principal” (CAMPOS, 2008, p. 207).

Concordamos com Guimarães, uma vez que a autora realmente assina sob pseudônimos por causa do desprestígio social advindo do adultério e também para não chamar a atenção “da crítica mais acutilante” (SILVA, F. M., 2014, p. 188), pois, afinal, seria um homem, e não uma mulher que fora acusada de adultério ao escrever, no caso mais específico do pseudônimo Gastão Vidal de Negreiros. Contudo, ao utilizar Lopo de Souza, no romance *Herança de Lágrimas*, Ana Plácido deixa implícitas referências à autoria feminina, como bem aponta Cláudia Pazos Alonso:

Ao iniciar este romance, Plácido evidencia o paradoxo da autoria feminina através do uso “oficial” de um pseudônimo masculino (Lopo de Souza), complicado embora pela incongruência da fotografia e da assinatura feminina (que aliás se afirma como “autora deste livro”) logo no interior da capa: ou seja, desdobra-se numa persona masculina exterior, sem prescindir da figuração íntima de um “eu” feminino. Mais ainda, Plácido vale-se logo à partida de uma geneologia literária materna, claramente confessada, já que na capa se destaca uma frase de George Sand, muito embora o próprio pseudônimo desta artista a corporize também no masculino. Talvez por isso este romance não careça de um prefácio masculino, ao invés de *Luz coada por ferros*, que ostentara vários. (ALONSO, 2012, p. 255).

A par disto, voltemos aos anos 60 de Oitocentos, quando Júlio César Machado, em 1863, na introdução de *Luz Coada por Ferros*, dar-nos-á duas pistas importantes para esclarecer o posicionamento do público leitor e da crítica especializada sobre Ana Plácido:

Não sabe talvez a auctora d’este livro, que estamos n’um pais em que a primeira coisa que uma senhora de talento tem que fazer-se perdoar é o seu talento mesmo. E tão commodo dispensar-se uma pessoa de ter espirito, que os semsaborões nacionaes formaram uma seita para castigar as que o teem; entre os homens a fórma de punir o talento é desviar-o dos destinos publicos, não lhe recompensar o heroismo da lucta, e, depois de o desdenhar, calumnial-o um dia [...] As mães indicam-na às meninas como perigosa, os burgueses evitam olhá-la, os noivos temem-na, e os tolos, que andam em maioria, dizem consigo que uma senhora que tem espirito é uma senhora que se afasta de seu fim, e que elles não se acham preparados, de um dia para o outro, a conversar n’um baile com uma senhora que pensa, porque vão a um baile para se distrahirem, e não para terem trabalho. Por isso, o que ha para estranhar em que de um talento tão delicado e grave como o da auctora de Luz coada por ferros se tenham arreçado uns, desconfiado outros, e alguns espalhado rumores na intenção de pôr em dúvida se deveras ella propria, ella senhora, ella portugueza, ella que passou no mundo sem ninguem lhe observar nunca ares de literata e ridiculo de preciosa, desastroso distinctivo das musas nacionaes, se é ella realmente, ella sósinha quem escreve os artigos que a *Revista*

contemporânea tem ufanamente publicado com as iniciais de A. A.? (MACHADO, 2015, p. VII-VIII).

A desconfiança crítica em relação à escrita e ao labor femininos, os preconceitos sociais em relação a uma mulher de “espírito”, à que se destaca ou aparece em espaços públicos, dão o tom ao prefácio deveras esclarecedor, cujo conteúdo consiste numa tentativa de valorização da escrita e da mulher portuguesa, comparando-a aos grandes romancistas, e num combate ao posicionamento misógino que, por um lado, podia ver na obra de Ana Plácido algum desvio moral (sempre estigmatizada por ser a obra de uma mulher adúltera) e, por outro, dissemina a desconfiança crítica que indaga se foi realmente ela a escrever os textos, sem interferência de outrem – de Camilo, por exemplo, já escritor muito consagrado na altura.

Em relação ao uso do pseudônimo e a um certo afastamento das produções literárias entre os anos 70 e 80 de Oitocentos, Camilo nos dá pistas sobre a mudança de atitude de Ana Plácido em relação à sua produção em uma carta a Luís Augusto Palmeirim, que tencionava publicar uma obra a qual nunca chegou a vir a lume, intitulada *Poetisas e Prosadoras Portuguesas* e para a qual solicitava a Camilo a colaboração de Ana Plácido. Camilo assim responde ao seu interlocutor, em 1 de julho de 1879:

Anna Placido, alem da Luz coada por ferros, escreveu um romance “Herança de Lagrimas” com o pseudonymo Lopo de Sz³; e com o mesmo pseudonymo traduziu trez volumes de romances francezes: “A vergonha que mata”, “Como as mulheres se perdem” e “Feitiços da mulher feia” q te mando. Escreveu na Gazetta Litteraria do Porto. Ella se confessa arrependida de todos estes peccados, e te pede que a não menciones senão pelo pseudonýmo. Isto é sério. (CASTELO BRANCO, 1943, p. 9).

Por isso, Cláudia Pazos Alonso vê nessa ligação de Ana com Camilo uma oportunidade de a autora estar num lugar cobiçado no mundo literário, chegando à conclusão de que, nos anos 70 de Oitocentos, houve por parte de Camilo um desinteresse em “promover a reputação literária” da autora, contribuindo, assim, para o seu esquecimento nas histórias das literaturas (ALONSO, 2014, p. 59). É isto que Camilo vai referir em 29 de junho de 1876, o desinteresse de Ana pela escrita e a sua anuência a esta postura: “vejo-a mais na dispensa que no gabinete – e faz bem” (PLÁCIDO Apud MARTA, 1923, p. 33).

E, segundo Alberto Pimentel, sobre a obra de Ana Augusta em sua relação com o seu percurso biográfico, é possível crer que há uma real intenção de diálogo feminino a partir do grande trauma de sua vida:

A. A. nunca se masculinizou, falando ou escrevendo, por excesso de virilidade. Nem também se deixou abater por um longo sofrimento

que, ainda depois do cárcere e do tribunal, aceitou como justa punição do seu desvio escandaloso.

Foi de si mesma, não para se vangloriar cinicamente da queda ou para conquistar a piedade pública à força de lástimas e prantos, mas para convocar as mulheres incautas de que o maior castigo do adultério é... o próprio adultério. (PIMENTEL, 1913, p. 24-25).

E por que o total apagamento do seu nome e de sua obra? Evidentemente, por ser amante e cônjuge de um dos escritores mais famosos e conceituados da literatura em língua portuguesa, a literatura de Ana Plácido passa por dois vieses: um que tem a ajuda e incentivo de Camilo para a publicação de sua obra²⁴, e outro que tem nele uma total apatia, provocada ou pelo próprio desejo de Plácido ou porque o autor em certa altura não quis mais incentivar-lhe o labor literário, em razão de uma vida familiar conturbada que era facilitada a ele como escritor, devido a Ana ocupar-se de tarefas e afazeres relativamente aos quais a escrita literária poderia tomar tempo.

Por seu turno, Paulo Motta Oliveira (1994, p. 422-423), refletindo a partir das afirmações de Fernanda Dumas Cabral sobre o silenciamento crítico em relação à obra de Ana Plácido, conclui que, quando a autora publica a sua primeira obra em 1863, *Luz Coada por Ferros*, Camilo publica, um ano depois, duas obras, *Amor de Salvação* e *No Bom Jesus do Monte*, que dialogam direto com a obra de estreia de Ana, contribuindo para o apagamento da escritora. Para Oliveira, se na obra de Ana Plácido as mulheres sofrem porque são destruídas pelos homens, em Camilo, nessas obras em específico, não só aparece a figura de Fanny, suposta enamorada do autor, mas referências veladas a Ana de que ele se transformaria, após a união com ela, num “escravo das letras”, a fim de conseguir o “sustento necessário para manter sua família” (OLIVEIRA, 2014, p. 426).

Por isso, Tereza Leitão de Barros refere que a escritora comparece nas obras do autor de *Amor de Perdição* travestida de personagens que são forçadas, por exemplo, a casar por imposição familiar e/ou social. Barros também afirma que a obra de Ana evoca o interno drama do seu destino, visto que o seu labor literário exterioriza “em angustiosos brados de revolta e em lágrimas resignadas, uma grande dose de sinceridade” (BARROS, 1924, p. 195). E, mais do que isso, segundo Maria Eduarda Borges dos Santos, a ficção de Ana Plácido é reveladora, pois, por detrás das ficções convencionais de uma “crítica à ideologia dominante e às situações existenciais romanceadas, prenuncia-se a revolução de costumes e a exigência de dignidade e de liberdade que as suas seguidoras se esforçarão também por exprimir” (SANTOS, 2011, p. 114).

²⁴ Assim refere Cláudia Pazos Alonso: “Longe dos centros de atividade literária do Porto ou de Lisboa, Plácido tornou-se ainda mais dependente de Camilo como o seu patrocinador literário, apesar de já ter dado sobejas provas do seu talento” (ALONSO, 2014, p. 53).

Alberto Pimentel, que convivera com ambos os escritores, não deixa de acentuar o quão Ana Plácido abriu mão da sua independência intelectual e dos projetos literários para se dedicar por completo à família e aos desejos de Camilo: “A tudo renunciava voluntariamente D. Anna Plácido para se reduzir resignadamente ao papel de um *authomato*, que obedecia aos caprichos doentios de Camilo” (PIMENTEL, 1899, p. 358). É por essa mesma linha de pensamento que seguem as efabulações de Alexandre Cabral: “Ana Plácido sacrificou a Camilo a sua reputação social, o seu bem-estar e até a sua ambição literária (se alguma vez a teve²⁵). Foi colaboradora dedicada e, nos finais da vida, enfermeira extremosa do homem que desvairadamente amou” (1989, p. 500). Assim, em suas últimas décadas de vida, Ana Plácido acaba por se tornar uma espécie de “secretária particular” de Camilo, dedicando-se ao bom funcionamento da casa e ao cuidado dos filhos. Ou seja, se na perspectiva camiliana Ana Plácido “desistiu” de escrever, como já referimos acima, outros pontos de vista mostram que, na verdade, ela o fez mais por amor à família, por causa dos problemas com os filhos e das dificuldades enfrentadas pelo próprio Camilo, abdicando da sua carreira literária.

Em suma, podemos encontrar na produção de Ana Plácido cinco fases distintas: uma primeira, na qual ou não assina os textos ou apenas publica com as iniciais A. A.; uma segunda fase, muito mais frequente na produção de textos (e por vezes marcada por uma escrita de “combate”), nos quais a autora se defende da crítica que tenta desmoralizá-la por adultério, passando pela assinatura do seu primeiro pseudônimo. Assim, de 1859 a 1869, ela assina com as iniciais A. A., Ana Augusta Plácido ou Gastão Vidal de Negreiros. A seguir, há uma terceira em que a escritora assume o pseudônimo masculino Lopo de Souza, entre 1871 e 1879, dedicando-se quase que em exclusivo às traduções e à produção de um romance em 1871, mas que talvez tenha sido escrito nos finais dos anos sessenta. Depois, vem uma quarta fase, em que assina pequenos textos como Viscondessa. Por fim, temos uma quinta e última fase, a Ana Plácido mãe, que volta ao mundo literário por incentivo familiar com *O Leme*, republicando textos. E, como bem atenta Fernanda Damas Cabral, o seu processo criativo foi impulsionado durante o seu aprisionamento: “A eclosão do seu ímpeto literário é coincidente com a sua forçada reclusão. A situação de isolamento imposto levou-a a olhar-se e a reflectir sobre si mesma, por isso surgirão primeiro os escritos de natureza intimista” (1991, p. 422). É mais ou menos nessa mesma linha de pensamento que reflete Veloso d’Araújo, ao afirmar que Ana Plácido escrevia nas horas de “desilusões supremas”: “a pena deslizava destra no papel deixando impressos os pensamentos quási sempre dolorosos do seu cérebro escandecido. Nem uma emenda, nem uma entrelinha. O cérebro ditava e a pena

²⁵ Como se comprova na análise do nosso artigo, tal hipótese formulada por Cabral é equivocada, pois Plácido, em dada altura, tinha reais pretensões de consolidar a sua carreira literária.

escrevia obedecendo-lhe” (D’ARAÚJO, 1925, p. 163), acrescentando que, nas “horas serenas”, a sua “escrita era mais emendada. A frase não lhe saía de uma só vez perfeita. Então emendava, corrigia sempre, até obter a perfeição desejada” (D’ARAÚJO, 1925, p. 163). Veloso d’Araújo também ressalta que Ana Plácido deixou escritos inéditos – alguns deles já referimos através da publicação de Raquel Castelo Branco – e notas de futuros projetos:

Tenho agora na minha frente uma série de notas sobre *Historiadores Ecclesiasticos, Historiadores Gregos, Historiadores Latinos, Poetas Gregos e Poetas Latinos*, coligidos a escritos por ela, que bem podia ser para a *História do Púlpito em Portugal*, que Camilo tencionava escrever.

Entre os papéis encontram-se alguns esboços de novelas, contos, cartas, etc., que nos dão a ideia do seu trabalho intelectual. (D’ARAÚJO, 1925, p. 165).

Ao delinear este pequeno esboço do percurso da jornada placidiana, observamos que a atividade literária em conjunto com as atividades do lar e a organização familiar contribuiu para o apagamento da escritora, que se tornava cada vez mais dona de casa e menos dona de sua práxis literária. Assim, se formos observar bem a história da autoria feminina em língua portuguesa antes do século XX, quase todas as mulheres que produziram uma obra em Portugal eram solteiras, viúvas ou enclausuradas (Cf. SILVA, F. M., 2014). Ou seja, podiam produzir literatura antes de se renderem às obrigações que um casamento impunha às mulheres – e este foi o caso de Ana Plácido, cuja produção literária é marcada pela dicotômica relação entre prisão social e liberdade literária *versus* liberdade social e prisão literária.

Referências

ALONSO, Cláudia Pazos. Ana Plácido, uma escritora oitocentista exemplar. In: PRETOV, Petar et al. (Org.). *Avanços em Literatura e Cultura portuguesas. Da Idade Média ao Século XIX*. Santiago de Compostela/Faro: Associação Internacional dos Lusitanistas e Através Editora, 2012, p. 249-266.

ALONSO, Cláudia Pazos. A trajetória literária de Ana Plácido e o papel de Camilo. In: SOUSA, Sérgio Guimarães de (Org.). *Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco*. Vila Nova de Famalicão: Casa Camilo/Centro de estudos Camilianos, 2014, p. 39-64.

ASSIS, Machado de. *Chronica. O Futuro, Periodico Litterario*, Rio de Janeiro, anno 1, n. 13, 15 de março de 1863.

ANASTÁCIO, Vanda. *Escritoras – Women Writers in Portuguese Before 1900*. Disponível em: <http://www.esritoras-em-portugues.eu/1417106880-Cent-XIX/2015-0529-Ana-Plcido>. Acesso em: 24 mar. 2020.

BRANCO, Raquel Castelo. *Trinta Anos em Seide*. Lisboa: Sociedade Editorial ABC L.da, 1925.

CABRAL, António. *Camilo de Perfil. Traços e notas – cartas e documentos inéditos*. 2.^a ed. Paris/Lisboa: Livraria Ailland; Bertrand, 1922.

CABRAL, Alexandre. *A Via Dolorosa 1859-1860. Camilo Castelo Branco*. Porto: Livros Horizonte, 1979.

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho, 1989.

CABRAL, Fernanda Damas. *Ana Plácido. Estudo, cronologia, antologia (narrativa)*. Lisboa: Caminho, 1991.

CABRAL, Fernanda Damas. Ana Plácido. FERRAZ, Maria de Lourdes A. (Coord.). *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana*. Lisboa: Caminho, 2002, p. 422-423.

CAMPOS, Maria Amélia. *Ana, a Lúcida. Biografia de Ana Plácido*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira, 2008.

CARDOSO, Nuno Catarino (Org.). *Poetisas Portuguesas: antologia...* Lisboa: N. C. Cardoso, 1917.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Sete Cartas de a Luís Augusto Palmerim*. Oldemiro César (compilação). Lisboa: Império, 1943.

CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. Entre o amor e o crime: a participação da literatura e da imprensa no processo de adultério de Camilo e Ana Plácido. *Via Atlântica*, n. 34, p. 49-60, dez. 2018a.

CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. Amores encarcerados: as memórias de Camilo e de Ana Plácido. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 39, p. 68-87, jan./jun. 2018b.

CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. A pena e o cárcere: a participação de Ana Plácido na imprensa entre os anos de 1860 e 1861. In: OLIVEIRA, Rodrigo Santos de; NASCIMENTO, Michelle Vasconcelos Oliveira do (Orgs.). *História, Cultura e Política no Mundo Lusófono*, v. 2. São Paulo: Liber Ars, 2022, p. 23-34.

CASTRO, Aníbal Pinto. Ana Plácido, a “heroína” de Camilo. In: *A Mulher na Vida e Obra de Camilo*. Braga: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão/Centro de Estudos Camilianos, 1997, p. 9-34.

CASTRO, Aníbal Pinto de. Ana Plácido a mulher que se maravilhou a si própria. In: PLÁCIDO, Ana. *Luz Coada por Ferros*. Edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Lelo & Irmão Editores & Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1995.

CASTRO, J. C. Vieira de. *Camilo Castello Branco (Notícia da sua vida e obra)*. 2.ª ed. correta e aumentada, precedida dos melhores criticas publicadas acerca d’esta obra. Porto: Graphica de António José da Silva Teixeira, 1863.

D’ARAÚJO, Veloso. *Camilo em San Miguel de Seide*. Braga: Livraria Cruz Editora, 1925.

FERRAZ, Maria de Lourdes. *Exposição Catálogo Mulheres de Camilo*. Porto: Centro Português de Fotografia, 2012.

FLORES, Conceição. Ana Plácido: uma mulher à frente do seu tempo. *Revista Ártemis*, v. XIX, p. 26-32, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/26194/14088>.

FLORES, Conceição. Meditações autobiográficas de Ana Plácido. *Revista Soletras*, Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores da UERJ, n. 34, p. 165-176, 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/30758/22308>.

GANHÃO, Mónica. Ana Plácido e o terror da consciência feminina “Às portas da eternidade”. *Revista de Estudos da Cultura*, São Cristóvão (SE): UFS, v. 6, n. 16, p. 141-150, jan./abr. 2020.

GUIMARÃES, Adriana Mello. *A Voz de Ana Plácido na Imprensa Oitocentista*. Relatório de pós-doutoramento. Marabá: UNIFESSPA, 2018.

GUIMARÃES, Adriana Mello. A crítica cultural no feminino: o contributo de Ana Plácido. *Revista Entheoria*, Serra Talhada: UFRPE, n. 7, vol. 1, 2020. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3701>.

MACHADO, Julio Cesar. *Scenas da minha terra*. Lisboa: Editor José Maria Correa Seabra, 1862.

MACHADO, Julio Cesar. Introdução. In: PLÁCIDO, Ana. *Luz Coada por Ferros*, edição fac-similada no âmbito das comemorações do 1.º Centenário da morte de D. Ana Augusta Plácido. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 2015, p.VI-XV.

MARCO, Visconde do. *Cartas Inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*. Lisboa: Livraria Popular, 1933.

MARTHA, Cardoso. *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Coleção, prefácio e notas de Cardoso Martha. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1923.

MARTINS, Rocha. *A Paixão de Camilo (Ana Plácido)*. Lisboa: Edição do Autor/Oficinas gráficas do ABC, s/d.

MATTOS, Otan Orlandini de. *Memórias de Ana Augusta (A maior paixão de Camilo)*. São Paulo: Aquarius Editora, 1985.

OLIVEIRA, Paulo Motta. De construções e apagamentos. Camilo e Ana. In: SOUSA, Sérgio Guimarães de (Org.). *Representações do Feminino em Camilo Castelo Branco*. Vila Nova de Famalicão: Casa de Camilo/Centro de Estudos, 2014, p. 229-249.

OLIVEIRA, Paulo Motta. As mulheres de Camilo: vozes ocultas na trama romanesca. In: DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). *Gênero e Representação nas Literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 136-168.

PASSOS, Teresa Ferrer. Ana Plácido – a escritora. Breves notas biográficas. In: *Mulher na Vida e Obra de Camilo*. Vila Nova de Famalicão: Centro de Estudos Camilianos/Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1997, p. 193-208.

PIMENTEL, Alberto. *Os Amores de Camilo*. Lisboa: Libano & Cunha Editores, 1899.

PIMENTEL, Alberto. *Memórias do Tempo de Camilo*. Porto: Campanha Portuguesa Editora, 1913.

PIMENTEL, Alberto. *O Torturado de Seide: Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Livraria de Manoel dos Santos, 1922.

PLÁCIDO, Ana. *Luz Coada por Ferros/ Herança de Lágrimas*, edição fac-similada. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1995, p. 3-31.

SANTIAGO, Maria Luísa Tarboda. Autoria feminina no século XIX: a vida e a obra de Ana Plácido. In: ISMÉRIO, Clarisse; PREVEDELO, Carine (Orgs.). *Nem Tudo São Rosas: refletindo os preconceitos, as lutas e as conquistas femininas*. São Paulo: Vercher, 2021, p. 76-80. Disponível em: <https://editora.vecher.com.br/index.php/vel/catalog/book/10>.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. Ana Plácido, Maria Amália Vaz de Carvalho e Ana de Castro Osório: reflexões sobre casamento e divórcio. In: BESSA, Maria Graciete; SILVA, Maria Araújo da (Orgs.). *Femmes Oubliées dans les Artes et les Lettres au Portugal (XIX-XX siècles)*. Paris: Indigo, 2016, p. 97-109.

SANTOS, Maria Eduarda Borges dos. *Da Identidade Feminina na Ficção Portuguesa de Oitocentos: voz(es) de mulher, perspectiva (s) de autor*. Tese de doutoramento. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2011.

SIMÕES, Margarida. *O Legado Literário de Ana Plácido: matriz autobiográfica e construção de sentidos*. Dissertação de mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2021. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/96972?locale=pt>.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo oitavo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 67.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo vigésimo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911, p. 157.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo vigésimo segundo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1911, p. 87.

SILVA, Fabio Mario da. *Ana Plácido e as Representações do Feminino no Século XIX*. Pref. Cláudia Pazos Alonso. Uberlândia: Tavares & Tavares, 2022.

SILVA, Fabio Mario da. As mulheres e o romantismo: a autocrítica de Ana Plácido. *Herança - Revista de História, Património e Cultura*, Lisboa: Univ. Nova de Lisboa, v. 4, n. 2, p. 89–102, 2021.

SILVA, Fabio Mario da. *Repensando os Estereótipos Femininos. Edição da Obra Completa de Ana Plácido*. Relatório de pós-doutoramento. Supervisão Ernesto Rodrigues. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2020.

SILVA, Fabio Mario da. Notas de reflexão sobre *Luz coada por ferros*, a obra de estreia de Ana Plácido. In: MENDES, Algemira de Macêdo; SILVA, Fabio Mario da; BARROCA, Iara Christina Silva (Orgs.). *Literatura e Resistência: corporeidade, gênero e decolonialidade*. Teresina: Avant Garde Edições, 2020, p. 48-61.

SILVA, Fabio Mario da. Ana Plácido: o mais célebre caso de adultério feminino no Portugal oitocentista. *Letras em Revista*, UESPI, v. 11, n. 2, p. 363-381, 2020. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/398/185>.

SILVA, Fabio Mario da. Entre a Luz e a escuridão. Uma leitura das “Meditações”, de Ana Plácido. *Revista Todas as Musas*, São Paulo, Ano 12, n. 1, p. 137-144, jul./dez. 2020. Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/23Fabio_Mario.pdf.

SILVA, Fabio Mario da. Notas de investigação sobre Autora e Regina, textos incompletos de Ana Plácido. *Revista Metamorfozes*, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 16, p. 184 – 193, 2020.

SILVA, Fabio Mario da. O suicídio enquanto *topos* romântico na narrativa “Às portas da eternidade”, de Ana Plácido. *Revista Entheoria*, Serra Talhada: UFRPE, v. 7, n. 1, 2020. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/3683>.

SILVA, Fabio Mario da. Conselhos de mãe para filha. Uma análise do folhetim “A desgraça da riqueza”, de Ana Plácido. *Iberic@l, Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, Paris: Sorbonne, n. 17, p. 117- 124, 2020,. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2021/05/Iberic@l-no17-printemps-2020-extrait-09.pdf>.

SILVA, Fabio Mario da. Os dilemas femininos no romance *Herança de Lágrimas*, de Ana Plácido. *E-Letras com Vida*, Lisboa: CLEPUL, n. 5, 2020. Disponível em: <http://e-lcv.online/index.php/revista/article/view/133/113>.

SILVA, Fabio Mario da. As amarguras amorosas. Uma leitura da narrativa “O Amor!...”, de Ana Plácido. In: PENALVA, Gilson; JÚNIOR, José Rosa dos Santos; PENALVA, Lorena de Carvalho (Orgs.). *Poéticas e Narrativas da Alteridade. Tensionamentos, rupturas e permanências*. Curitiba: Editora CVR, 2022, p. 33-40.

SILVA, Fabio Mario da. *A Autoria Feminina na Literatura Portuguesa. Reflexões sobre as teorias do cânone*. Pref. Ana Luísa Vilela. Lisboa: Edições Colibri, 2014.

SOUSA, Costa. *Camilo no Drama da sua Vida*. Porto: Livraria Civilização, 1959.

TELES, Manuel Tavares. *Camilo e Ana Plácido. Episódios ignorados da célebre paixão romântica*. Porto: Edições Caixotim, 2008.